

## ENTREVISTA

Prof. Dr. Mário Eduardo **VIARO**  
 Por Alice Pereira **SANTOS**<sup>1</sup>

*Neste número, o nosso entrevistado é o professor Mário Eduardo Viaro, pós-doutor pela Universidade de Coimbra e livre-docente da Universidade de São Paulo. É um dos principais pesquisadores nas áreas de linguística histórica, etimologia e morfologia diacrônica.*



**Professor Mário, muitíssimo obrigada por conceder essa entrevista à Revista Metalinguagens. Para que os leitores de nossa revista possam conhecê-lo um pouco mais, gostaria de iniciar a nossa entrevista, não com uma pergunta, mas com o pedido para que nos conte um pouco como foi o seu percurso profissional, destacando também o que teria sido decisivo para essa escolha.**

*Eu sou formado pela Universidade de São Paulo em Letras (Linguística/Alemão). Fiz meu mestrado e doutorado em Filologia Românica e hoje exerço o cargo de professor livre-docente na área de Filologia e Língua Portuguesa. Fiz estágio na Alemanha entre o mestrado e o doutorado, consegui uma bolsa de pesquisa na Suíça durante o doutorado e, bem mais tarde, realizei meu pós-doutoramento em Portugal. Na verdade, durante toda minha infância eu queria prestar Biologia, mais especificamente Zoologia, pois queria estudar artrópodes. Devido a um contato estreito com especialistas da UNESP de minha*

<sup>1</sup> Doutora em Filologia e Língua Portuguesa (USP), Docente do Curso de Licenciatura em Letras do IFSP (SPO).

*Revista Metalinguagens, v.5, n.1, p. 5-12, Mário Eduardo Viaro, por Alice Pereira Santos.*

*cidade (Botucatu/SP), já na minha adolescência tive a orientação de que era preciso estudar os idiomas alemão e latim para ler a bibliografia especializada. E foi o que fiz de forma autodidata. Foi assim que acabei tomando gosto pelas línguas e mudando de opção pouco antes de completar o colegial. Nunca me arrependi de ter escolhido Letras, apesar de ainda hoje nutrir paixão pela Biologia.*

**É evidente, para seus alunos, que o senhor fez uma escolha acertada e que está satisfeito com a profissão. Apesar disso, o senhor apontaria as dificuldades pelas quais passou devido à escolha pelo caminho da docência?**

*Dificuldades não faltavam: vim morar, no final da década de 80 do século passado, aos 17 anos em uma megalópole como São Paulo, morei em bairros distantes e vinha para a universidade em ônibus lotados, muitas vezes perigosamente dependurado nas portas, depois disso, morei em pensões e, por fim, dada a pobreza de minha família, na moradia estudantil da universidade. Isso tudo num período de turbulências políticas e econômicas. Havia dias que eu sequer tinha o que comer, pois a inflação corroía rapidamente a pequena ajuda enviada pelo meu pai metalúrgico: quase todo orçamento familiar ia para os tratamentos médicos de minha mãe, que sofria de glomerulonefrite. Durante a graduação, trabalhei nos correios, dava aulas particulares de alemão e, mais tarde, lecionei em escolas de idiomas, colégios e universidades particulares. Quando passei no concurso da USP e pude dedicar-me apenas ao ensino e à pesquisa, fiquei muito feliz e parte desse entusiasmo se vê também na valorização que dou às minhas aulas de graduação e pós-graduação.*

**Além de lecionar, o senhor é bastante atuante como pesquisador, sendo o coordenador de muitos projetos e grupos de pesquisa. O senhor poderia falar sobre algumas dessas pesquisas, objetivos, a história dos grupos e os resultados já alcançados?**

*O Grupo de Morfologia Histórica do Português (GMHP) iniciou suas atividades em 2005 e congregou muitos pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Como ao entrar na Universidade de São Paulo, havia a exigência da apresentação de um projeto de pesquisa, propus estudar o sufixo -eiro da língua portuguesa, do ponto de vista histórico. Nesse*

*Revista Metalinguagens, v.5, n.1, p. 5-12, Mário Eduardo Viaro, por Alice Pereira Santos.*

*período, percebi que para entender a história dos afixos seria preciso formar uma equipe. Foi o que fiz com meus orientandos. Cada um deles se dedicou a um sufixo ou a uma família de sufixos. Por meio da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Alice Pereira Santos, foram feitos laços com o Prof. Dr. Zwinglio de Oliveira Guimarães Filho, do Instituto de Física da USP, com cuja parceria foi possível o estudo de muitos outros sufixos, que se transformaram em artigos e no livro *Morfologia Histórica*, publicado pela Editora Cortez. O GMHP se manteve por muitos anos na forma de reuniões mensais e, para tal, foi imprescindível a colaboração da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Nilsa Areán García e da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Érica Santos Soares de Freitas. Mais tarde, em 2012, foi criado o NEHiLP (Núcleo de apoio à pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa), que congregou muitos outros grupos de pesquisa similares. Agora atuo como vice-coordenador desse mesmo núcleo.*

**O núcleo de pesquisa NEHiLP, do qual o senhor é um dos coordenadores, tem como objetivo produzir um dicionário etimológico de língua portuguesa. O senhor pode explicar como ele está sendo desenvolvido e a importância desse trabalho para os estudos linguísticos?**

*Um dos nossos projetos é o DELPo, que pretende ser um dicionário etimológico on line da Língua Portuguesa nos moldes internacionais. Para a criação de programas e de um banco de dados atuou e ainda atua o Prof. Dr. Marcos Dimas Gubitoso, do Instituto de Matemática e Estatística, e de monitores estudantes, de várias unidades da USP. Desenvolveu-se um programa chamado Moedor, que extrai as palavras de textos previamente trabalhados e compara com a datação dos vocábulos já presentes no banco de dados, gerando listas especiais que chamamos de moagens. Boa parte das decisões tomadas para essa pesquisa se encontram sintetizadas num manual on line e, para isso, foi imprescindível o auxílio do Prof. Dr. Aldo Luiz Bizzocchi e da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Mariana Giacomini Botta. Por meio do trabalho de bolsistas, mais de 13000 lemas do DELPo, com quase 20000 variantes, já foram inseridos, todavia os verbetes ainda estão na fase inicial. O projeto apenas está necessitando de apoio financeiro para desenvolvimento lexicográfico dos verbetes e sua divulgação plena on line.*



*É membro correspondente pelo Estado de São Paulo pela Academia Brasileira de Filologia (ABRAFIL) e tradutor juramentado de língua romena pela Junta Comercial do Estado de São Paulo.*

**Sabemos das dificuldades de se fazer pesquisa no Brasil. Dificuldades, talvez, ainda maiores, para aqueles que trabalham nas áreas de humanas. Desse modo, o que o senhor apontaria como maior óbice a sua atividade como pesquisador, considerando suas principais áreas de atuação?**

*Passamos por muitas dificuldades, sobretudo depois do corte de verbas feita pela reitoria no primeiro ano de existência do núcleo. Um projeto inovador como o DELPo, feito por gente que trabalha tanto e com um instrumental tão bom, paradoxalmente não dispõe hoje de nenhum tipo de financiamento. Tampouco temos uma sede, de modo que todo o trabalho foi idealizado para o trabalho exclusivamente on line dos pesquisadores, mas o ideal seria termos ao menos uma sala, com uma biblioteca de obras de referência, sobretudo dicionários etimológicos. O idioma português é a única língua românica que não dispõe de dicionários etimológicos feitos com o rigor de um Oxford ou de um Le Robert. As datas das primeiras ocorrências lexicais de que os falantes de todo mundo lusófono dispõem é obra de pouquíssimos pesquisadores, que fizeram suas pesquisas individualmente, como Antônio Geraldo da Cunha, Antônio Houaiss e Mauro Villar. Não sabemos quase nada de períodos inteiros da língua portuguesa, tais como o século XVII, XVIII e, por incrível que pareça, do século XX.*

**As questões relacionadas à etimologia são bastante divulgadas por meios não científicos. Como o senhor, especialista no assunto, encara/analisa isso? O senhor acredita que sua produção nas revistas ajuda a desfazer alguns mitos difundidos pela etimologia fantasiosa?**

*Durante dez anos fui colunista da revista Língua Portuguesa, da editora Segmento, que não existe mais. É uma pena, pois se tratava de um meio de comunicação de amplíssima divulgação e, nesse meio-tempo, sentia que infundia cautela nas afirmações fantasiosas de caráter pseudoetimológico abundantes até mesmo no meio acadêmico. Para combater isso, também publiquei um livro teórico chamado Etimologia, pela editora Contexto, no qual apresento a história e o método da etimologia científica, assim como um Manual de Etimologia do Português, pela editora Globo, com muitas aplicações práticas. Tento sensibilizar pessoas interessadas pelo tema a reconhecer radicais e outros elementos de formação, bem como a aceitar as dificuldades inerentes ao método etimológico e, por vezes, as impossibilidades de se encontrar um étimo.*

**A sua produção bibliográfica é de grande auxílio para aqueles que querem conhecer e entender como funciona uma pesquisa séria e criteriosa de cunho diacrônico. O senhor poderia apresentar essa produção, considerando os pontos mais relevantes para aqueles que estão iniciando seus estudos nesta área?**

*A pesquisa diacrônica é bastante diversa. Desde a pesquisa quase arqueológica das raízes indo-europeias à investigação do significado original de nomes próprios, passando pelas curiosidades das expressões populares e das mudanças inusitadas de sentido ao longo do tempo. Para se fazer hipóteses etimológicas de cunho científico, há farta documentação à nossa disposição hoje na internet, sobretudo dos últimos séculos, que é acessível em corpora online diversos, como a Hemeroteca Nacional, o Corpus do Português, o Corpus Lexicográfico do Português etc. Para períodos mais antigos há o Corpus Informatizado do Português Medieval, o site Cantigas Medievais Galego-Portuguesas etc. Quando trabalhamos com textos literários no DELPo, a fim de construir verbetes etimológicos, tentamos detectar a primeira edição, transcrevemos todas as suas orações, revisamo-las e mantemos sua ortografia, pontuação e eventuais erros tipográficos. Não é raro encontrar edições da mesma obra publicadas durante a vida do autor com ligeiras mudanças ou até*

*Revista Metalinguagens, v.5, n.1, p. 5-12, Mário Eduardo Viaro, por Alice Pereira Santos.*

*mesmo com passagens bastante alteradas. O cuidado filológico com o texto é o primeiro passo. A sistematização da variação de sentido de uma palavra também é observada, de modo que, para cada acepção de uma palavra há uma data mais recuada de atestação (que chamamos pelo termo latino 'terminus a quo'). A palavra 'brigadeiro', por exemplo, tem etimologias completamente diversas se estamos falando de uma patente militar ou de um doce. Atualmente venho pesquisando os vocábulos do primeiro dicionário da língua portuguesa, de Jerônimo Cardoso (1562-1563). É incrível a quantidade de informação nova que conseguimos obter sobre estruturas linguísticas, semântica e ortografia quando focamos um determinado período de tempo no passado. É surpreendente também que muitas conotações de uma palavra, que, por meio da intuição, supomos serem recentes, são, na verdade, muito antigas.*

**Pensando ainda nos professores em formação, para o senhor, quais características são imprescindíveis ao profissional de letras? E, pensando nisso, o que os cursos de licenciatura deveriam oferecer para alcançar esses objetivos?**

*O que falta, de modo geral, ao mundo atual é um pouco de erudição e de sede pelo saber. Penso que na área de Humanas o relativismo de muitas correntes filosóficas tornou indiscernível o conhecimento buscado nos séculos XVII e XVIII de muitas banalidades ou obscuridades que têm a pretensão de dar conta da complexidade dos fenômenos e que pecam tanto pelo recorte demasiadamente estreito quanto pelas conclusões pouco alicerçadas na história. Parece que há um excesso de introspecção e pouca observação dos fatos. A fim de atalhar caminhos, a postura indutiva foi completamente abandonada e uma dedução apressada passou a ser desejada, no entanto, como essa pretensa proliferação teórica muitas vezes é pouco alicerçada em bases epistemológicas e em resultados objetivos provenientes de áreas mais cuidadosas com o método experimental, como parte da psicologia e as neurociências, o que tem havido é uma espécie de postura neoescolástica, muito prejudicial às humanidades. Na área de Letras, especificamente, o pouco conhecimento de história, do método histórico-comparativo e da língua latina é um dos maiores obstáculos na formação de novos pesquisadores que queiram debruçar-se sobre a pesquisa diacrônica. O profissional de letras costuma ter garra e encarar desafios quantitativos, mas necessita de um pouco mais*

*Revista Metalinguagens*, v.5, n.1, p. 5-12, Mário Eduardo Viaro, por Alice Pereira Santos.

*de base epistemológica, de metodologia e de disciplina quando trabalha com objetos de estudo que não se obtêm por meio de introspecção, como são os dados históricos necessários para uma boa etimologia.*

**Atualmente, no que se refere à formação continuada dos professores, há vários cursos de pós-graduação, criados pensando em um público diverso e nas necessidades do mercado de trabalho. Na sua visão, esses cursos cumprem essa função? O que o senhor pensa sobre a proliferação de cursos dessa natureza?**

*O mercado de trabalho é fruto daquilo que a sociedade vê como imprescindível. Se ciência e erudição são valores pouco difundidos numa sociedade, os cursos de humanidades que se convertam, ao fim e ao cabo, em conhecimento de idiomas, técnicas, tradução, conhecimento da literatura e a apreciação da cultura, de modo geral, ou fraquejam ou se banalizam e parecem ser, aos olhos da sociedade, completamente desnecessários. Os cursos de humanas precisam impor-se com seus valores originários em vez de adequar-se às preferências sociais, que, muitas vezes, são reflexos de equívocos históricos como o relativismo desenfreado ou o consumismo fútil, em suma, elementos pouco dignos da formação real de indivíduos pensantes e de um ensino de qualidade. O mercado de trabalho deveria ampliar-se por meio da divulgação desses densos valores humanistas e não o contrário. Se esses cursos conhecerem a história e perceberem o quanto perdemos ao longo de um século, se pensarem nisso e se quiserem restabelecer frentes de trabalho que estejam para além de banalidades sociais, talvez consigam reverter o quadro, que é bastante desanimador.*

**São de conhecimento geral as dificuldades que a Universidade de São Paulo vem passando nos últimos anos, situação que não é exceção e sim regra, quando falamos sobre universidades públicas. O senhor consegue enxergar caminhos para enfrentar esses problemas?**

*Eu acredito no ensino público. Sem ele, muitas pessoas como eu, que, como disse no início, têm origem humilde, jamais teriam participado do processo de educar-se e de educar outras pessoas. Acredito que, um dia, se verá que cultura e educação são imprescindíveis para uma sociedade, tanto quanto saúde e segurança. Retomo o que já disse: quando se diz*

*Revista Metalinguagens*, v.5, n.1, p. 5-12, Mário Eduardo Viaro, por Alice Pereira Santos.

*que as universidades precisam integrar-se melhor à realidade, penso que deveríamos pensar também na possibilidade de as universidades serem ativas na mudança da sociedade, sobretudo no que tange aos valores culturais. Não é trabalho fácil, pois, de certa forma, o Brasil segue o ritmo mundial, que tem prezado demais as banalidades e cada vez menos o conhecimento histórico e cultural, mas sou esperançoso: uma hora dessas, o quadro reverterá.*

Metalinguagens v.5, n.1